

Situação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

A REORGANIZAÇÃO DO CONVÍVIO FAMILIAR COM CRIANÇAS EM PANDEMIA PELA COVID-19 NO BRASIL

Luana Zanotto, Aline Sommerhalder, Anna Aluffi Pentini

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2776>

Submetido em: 2021-08-11

Postado em: 2021-08-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A REORGANIZAÇÃO DO CONVÍVIO FAMILIAR COM CRIANÇAS EM PANDEMIA PELA COVID-19 NO BRASIL

ALINE SOMMERHALDER¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6024-0853>

LUANA ZANOTTO²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1877-4170>

ANNA ALUFFI PENTINI³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2037-5534>

RESUMO: O estudo decorre de pesquisa ampla derivada de parceria de convênio científico internacional entre duas Universidades Públicas, sendo uma italiana e uma brasileira. Objetiva discutir o convívio doméstico cotidiano de famílias com crianças em idade escolar diante da pandemia pelo COVID-19. Intenciona, ainda, problematizar possíveis mudanças na rotina de vida de crianças brasileiras, em detrimento da ausência de frequência presencial nas escolas e ampliação de tempo diário em contextos domésticos. O trato crítico-interpretativo ofertado aos dados pautou-se nas concepções de convívio familiar, em acordo com o pensamento teórico sócio-humanista. Com aplicação de método misto (quantitativo e qualitativo), apresenta parte de resultados brasileiros obtidos por meio de questionário *on-line*, *e-survey*, em formato de opinião pública. Participaram 478 famílias brasileiras, majoritariamente, residentes em municípios do estado de São Paulo. Os resultados indicam que a estruturação familiar acompanha mudanças propostas pelos adultos como sujeitos protagonistas de um saber fazer no cotidiano doméstico transformado pela pandemia. À luz da dialogia freireana, as mudanças indicadas pelos adultos ocorreram pela ampliação do sentimento de proximidade e reconhecimento dos filhos, para além da inserção na rotina das atividades escolares e recriação de novas formas de educação diante dos limites impostos. As alterações ocorridas na esfera domiciliar perpassam pela compreensão de novas configurações que estabeleçam relações educativo-dialógico-cooperativa entre os diferentes membros, crianças e adultos.

Palavras-chave: Cotidiano doméstico, Crianças em lares, Pandemia COVID-19, Suspensão da escola presencial.

THE REORGANIZATION OF THE FAMILY LIFE WITH CHILDREN IN A PANDEMIC BY COVID-19 IN BRAZIL

ABSTRACT: This paper comes from a broad research derived from a partnership of international scientific agreement between two Public Universities, one Italian and one Brazilian. It aims to discuss the daily home life of families with school-age children in the COVID-19 pandemic. It also intends to problematize possible changes in the Brazilian children routine, at the expense of absence the schools and the expansion of daily time at homes. The critical-interpretative approach offered to the data was based on the concepts of family life, in accordance with socio-humanist theoretical thinking. Using a mixed approach (quantitative and qualitative), this paper presents part of Brazilian results obtained through an *on-line* questionnaire, *e-survey*, in a public opinion format. Participated 478 Brazilian families, mostly located in municipalities in the state of São Paulo. The results indicate that the family structure follows changes proposed by adults as protagonists of a know-how in the domestic daily life transformed by the pandemic. In a Freire's perspective, the changes indicated by the adults occurred

¹ Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo (SP), Brasil. <sommeraline1@gmail.com>

² Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás (GO), Brasil. <luanazanotto@yahoo.com.br>

³ Università di Roma Tre. Roma, Itália. <anna.aluffipentini@uniroma3.it>

through the expansion of the proximity and recognition of the children, in addition to the insertion in the routine of school activities and the recreation of new forms of education under the limits. Changes in the houses indicate the understanding of new configurations establish educational-dialogical-cooperative relationships between different members, children and adults.

Keywords: Daily life at home, Children in homes, COVID-19 pandemic, School suspension.

LA REORGANIZACIÓN DE LA VIDA FAMILIAR CON NIÑOS ANTE LA PANDEMIA DE COVID-19 EN BRASIL

RESUMEN: El estudio empieza de una amplia investigación derivada de una asociación científico internacional entre dos Universidades Públicas, una italiana y una brasileña. Objetiva discutir la vida diaria en el hogar de las familias con niños en edad escolar ante la pandemia de COVID-19. Así como, problematizar posibles cambios en la rutina de vida de los niños brasileños en detrimento de la ausencia de las escuelas y la expansión del tiempo diario en los hogares. El enfoque crítico-interpretativo ofrecido a los datos se basó en los conceptos de vida familiar, de acuerdo con el pensamiento teórico socio-humanista. Utilizando un método duplo (cuantitativo y cualitativo), este artículo presenta parte de los resultados brasileños obtenidos a través de un cuestionario virtual, e-survey, en formato de opinión pública. Participaron 478 familias brasileñas, en su mayoría residentes en municipios del estado de São Paulo. Los resultados indican que la estructura familiar sigue cambios propuestos por los adultos como protagonistas de un saber hacer en la vida diaria doméstica transformado por la pandemia. Tras de la perspectiva de Freire, los cambios señalados por los adultos se dieron a través de la expansión del sentimiento de proximidad y reconocimiento de los niños, además de la inserción en la rutina de las actividades escolares y recreación de nuevas formas de la educación por los límites impuestos. Los cambios en el hogar permean la comprensión de nuevas configuraciones que establecen relaciones educativo-dialógico-cooperativas entre los miembros distintos, niños y adultos.

Palabras clave: La vida cotidiana en el hogar, Niños en los hogares, Pandemia COVID-19, Suspensión de la escuela presencial.

INTRODUÇÃO

Este artigo origina-se de uma pesquisa interinstitucional internacional derivada de cooperação científica e acadêmica e coordenada por pesquisadores da área educacional de uma Universidade Pública Italiana, situada em Roma-Itália, em colaboração com pesquisadoras brasileiras de duas Universidades Públicas Federais, situadas nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. A macro pesquisa envolveu coleta empírica em dois países europeus (Espanha e Itália) e um da América Latina (Brasil) durante o ano de 2020, sendo que o presente material apresenta uma parte dos resultados brasileiros, ao qual interessa tecer uma análise contextual de achados científicos provenientes de participação de famílias brasileiras no amplo estudo.

Coloca-se em cena a discussão sobre o cotidiano de famílias e de crianças no convívio doméstico, considerando a pandemia provocada pelo SARS-COV-2 e as medidas de restrição social e de ausência de frequência presencial em escolas. A pesquisa, realizada em formato de opinião pública, com uso de *e-survey*, assenta-se sobre as possíveis mudanças nas rotinas, hábitos e condutas diárias de famílias com crianças, ocasionadas pela pandemia da COVID-19.

No início do ano de 2020, com a eclosão do novo coronavírus e diante do aumento expressivo de casos de enfermidades provocada pelo vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a sua contaminação como uma emergência de saúde pública de importância internacional, decretada como pandemia no dia 11 de março de 2020 (WHO/OMS Brasil, 2020). O Brasil, país de dimensão continental, em 15 de abril de 2021 possuía cerca de 211 milhões de habitantes, segundo projeção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, s.d.). A pandemia intensificou crises

e desigualdades na população, trazendo repercussões macroestruturais para todo o país (e mundo) em suas múltiplas dimensões: na saúde, na economia, na política, no trabalho, na educação, no social, no ambiental, dentre outras tantas esferas inseridas em setores públicos e privados (CARDOSO, 2020,).

No ensejo de reduzir o número de pessoas contaminadas pelo vírus SARS-CoV-2, os países definiram ações baseadas, especialmente, em medidas restritivas incluindo a continência das interações humanas presenciais, a proibição de deslocamentos para territórios internacionais ou no próprio território, implementação por período acentuado de *lockdown* em países europeus e em alguns momentos em cidades brasileiras e fechamento de todas as atividades não essenciais incluindo escolas, em todos os seus segmentos e níveis. No estado de São Paulo, a recomendação geral definida às medidas do chamado “isolamento social” em território brasileiro foi de que todos permanecessem em suas residências e saíssem apenas em caso de necessidade inadiável, exceto os trabalhadores de setores essenciais, além de resguardar dois metros de distância de outras pessoas, nessas ocasiões. Tais medidas passaram a ser monitoradas por órgãos oficiais via dispositivo aferidor do índice de isolamento social (Governo de São Paulo, 2020). Neste cenário agregaram-se impactos nos padrões de vida cotidiana das famílias, uma vez que a permanência em lares domésticos se ampliou. Houveram ainda implicações sobre a sustentação econômica, dado que muitas famílias perderam empregos ou ocasionou a diminuição de renda em detrimento de redução de jornada ou de atividade profissional diária.

De uma emergência sanitária aguda a uma crise humanitária (SPIEGEL, 2021, BORBA et al., 2020) as relações sociais e as condições de vida foram modificadas, apresentando novos e inúmeros desafios, alguns deles dramáticos, incluindo o impacto sobre a qualidade de vida das pessoas com perda de renda, conflitos sociais e amplitude de violência e desigualdade social e educacional. Assim, o convívio social e a rotina das famílias também foram afetados, posto que as atividades escolares de crianças e jovens passaram a ser executadas de forma remota (a distância) e/ou de forma híbrida. Este convívio ainda sofreu alterações pelo fato de as atividades profissionais de adultos passarem a ser executadas em *home office* ou remoto (BRASIL, 2020a, BRASIL, 2020b). Os desafios impostos pela restrição do contato físico interpessoal trouxeram infindáveis consequências à organização cotidiana das famílias, especialmente aquelas com crianças, face à realidade de escolas sem atendimento presencial e, com isso, a repentina inserção das crianças no ensino remoto/a distância (UNESCO, 2020).

Dados do relatório do Fundo das Nações Unidas para Infância (Unicef), divulgados em março de 2021, demonstraram que cerca de 1,6 bilhão de estudantes ao redor do mundo ficaram fora da escola no período decorrente de fevereiro de 2020 a março do ano seguinte, em virtude do cenário epidemiológico provocado pela doença em muitos países. Somente no Brasil computa-se que o fechamento das escolas afetou mais de 45 milhões de estudantes de Educação Básica sendo 38,7 milhões pertencentes à rede pública de ensino (UNESCO, 2020, INEP, 2019). Estes indicadores revelam o grande quantitativo de crianças e jovens sem acesso às dependências físicas da escola, o convívio escolar entre pares e com professores presencialmente e, portanto, nos lares domésticos em maior tempo de permanência diária.

As informações oriundas dos protocolos sanitários se colocam de modo incerto, com veiculação de múltiplas notícias em distinção de orientação e mudanças diárias em termos de orientação da população brasileira, o que reforçou a necessidade de constantes adaptações no interior domiciliar revendo estratégias para o cumprimento de demandas do da gestão da casa, da profissão ou do trabalho dos adultos, juntamente à condução da conjugalidade, da economia doméstica, da parentalidade e coparentalidade (SILVA et al., 2020, LINHARES; ENUMO, 2020). Com efeito, a vida escolar de crianças também sofreu impacto, em função das múltiplas condições de contextos causados pelo coronavírus, seja pelo alto contágio e impacto direto sobre a saúde dos familiares, seja pelo impacto do viver a vida cotidiana no regime de maior tempo de permanência com genitores em lares e-ou responsáveis.

O estudo assume a compreensão de convívio familiar cotidiano como estrutura emergente de relações estabelecidas por pessoas (grupo social) que possuem algum grau de parentesco e compartilham diariamente de um mesmo espaço habitacional, formando um lar. Da perspectiva sócio-antropológica, estas relações são basilares às sociedades humanas e as suas formas de organização dependem das condições concretas oriundas dos contextos sociais e culturais dos sujeitos (SINGLY,

2007). Heilborn, Peixoto e Barros (2020, p. 4) expõem: “a situação de confinamento, provocada pela conjuntura sanitária, incide diretamente na família face à recorrência das situações desgastantes que levam ao aumento do estresse por conta das cobranças familiares sobre sua responsabilidade na execução dos cuidados”. Inserem-se os desafios enfrentados para cumprir as exigências das escolas que retomaram o ensino remoto, somando-se de práticas de incentivo que buscam garantir a permanência da criança na mesma, ao menos, a manutenção das relações afetivas e da memória da rotina escolar com os professores e colegas estudantes.

Nas gerações mais atuais, as atividades cotidianas sociais das crianças, sejam as escolares, de lazer, de convívio com pares ou adultos realizadas, especialmente, em espaços sociais distintos do ambiente doméstico, se apresenta como um desafio amplo e intenso. O desafio posto repousa na consideração dos altos índices de violência em contextos urbanos ou mesmo rurais e exige, na cotidianidade, que a vida na infância aconteça em espaços mais domésticos e menos coletivos ou públicos (como parques e ruas), implicando maior tempo dentro de permanência diária nos lares domésticos. Com isso, as brincadeiras, os movimentos corporais amplos, as interações com a natureza e em espaços abertos e coletivos são redesenhados de modo a preservar a segurança de crianças no viver a vida diária. Essa realidade contemporânea se modela diversamente nos países, mas especialmente na realidade brasileira, dado os índices de violência, se apresenta como uma exigência que admite das famílias a construção de novas rotinas e hábitos de vida, para atendimento de uma realidade social já concreta em muitas cidades ou contextos rurais.

As medidas de restrição social ou mesmo de isolamento social colocados diante da caoticidade dos altos índices de óbitos pela COVID-19 no Brasil, somada às intensas dificuldades econômicas e sociais decorrentes, a realidade de permanência de crianças em contextos domésticos se ampliou abruptamente. Em tal fato, adicionado a hábitos alimentares inadequados, estilo de vida sedentário e amplitude do tempo de exposição às telas de televisão e demais equipamentos tecnológicos (computadores, tablets e celulares), afetaram diretamente a saúde e a qualidade de vida da população brasileira, com índices aumentados de obesidade infantil e doenças relacionadas (FIOCRUZ, 2020, SILVA et al., 2020, PRIME; WADE; BROWNE, 2020).

Frente a este fenômeno, examinar e compreender o convívio cotidiano de famílias e de crianças em idade escolar, em contexto doméstico, diante da pandemia pelo SARS-COV-2 se apresentou como uma demanda científica emergente, de modo a compreender a realidade imposta, ampliar os conhecimentos científicos e trazer contributos sobre a problemática. Como fica estabelecida a organização de convívio familiar cotidiano entre famílias com crianças em idade escolar, diante da pandemia pela COVID-19?

O que ocorre no cotidiano familiar face às demandas geradas pelas atividades escolares de crianças, na forma remota ou a distância? A presente pesquisa objetiva discutir o convívio doméstico cotidiano de famílias com crianças em idade escolar diante da pandemia pelo SARS-COV-2. Intenciona, ainda, problematizar possíveis mudanças na rotina de vida de crianças, em detrimento da ausência de frequência presencial nas escolas e ampliação de tempo diário em contextos domésticos.

INSTRUMENTOS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório com abordagem quantitativa e qualitativa, de método misto. Para Gil (2008) esta tipologia de pesquisa combina os princípios de natureza quantitativa, como dados mensuráveis captados de uma realidade objetiva, com os princípios de natureza qualitativa, com a descrição, análise e discussão crítica do fenômeno. Caracterizou-se como pesquisa de opinião e seguiu as normas éticas requeridas com pesquisas com seres humanos dos países envolvidos sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade brasileira envolvida, sob n. de parecer 4.683.194 e pelo departamento da Universidade italiana envolvida, atendendo normas da União Européia para produção de pesquisas.

Para coleta dos dados foi utilizado um questionário considerando a natureza do *survey* (GIL, 2008) com uma composição de perguntas abertas e fechadas. O instrumento foi elaborado pelos pesquisadores da equipe de trabalho no estudo e considerando as orientações de Hill e Hill (2008) sobre objetivos, seções, descrição das perguntas, *layout* e avaliação.

Fez-se uso de *e-surveys*, também conhecido como *websurveys* que são estratégias para a obtenção de dados primários sendo utilizados desde a década de 1990 (De BONI, 2020). *E-surveys* são válidos, pois permitem que a coleta de dados ocorra a distância, sem demanda de presença dos participantes e com velocidade de obtenção, amplitude de abrangência geográfica e rompimento de fronteiras como intercontinentais, para realização de pesquisas. Nesse desenho, os participantes do estudo são recrutados em redes sociais ou *websites* utilizando-se de listas de cadastro de e-mails de membros, divulgação do link da pesquisa nesses canais (De BONI, 2020).

O *e-survey* foi utilizado dada a necessidade da coleta de dados ser realizada a distância, por motivo do distanciamento social diante da crise pelo COVID-19, de rapidez de execução de coleta e de rompimento de barreiras geográficas, o que permitiu no caso do Brasil, a expansão do processo de recrutamento de participantes. Este recrutamento foi realizado considerando o critério de ser família com filhos em idade escolar, além do atendimento de ter as habilidades para usar os dispositivos eletrônicos e de acesso a internet, com completo preenchimento do questionário uma única vez.

O instrumento foi formulado especificamente para este estudo em versão original inglesa, com tradução livre para o italiano e para o português realizado por pesquisadores com proficiência nas línguas inglesa, italiana e portuguesa. Disponibilizado por meio da plataforma *Google Forms*, o acesso ao *link* ficou disponível ao longo dos meses de maio e junho de 2020, totalizando aproximadamente 60 dias de coleta nos países participantes. Um conjunto de questões fechadas foi anexada ao início do formulário para informações de caracterização dos participantes, como identificação sobre sexo, idade e condição de trabalho (se estava trabalhando atualmente e de que forma desde o início da pandemia até o período de coleta de dados), a configuração familiar (número de residentes no mesmo espaço, agregados durante a quarentena, etc.) e características físicas do ambiente doméstico (número de cômodos ou espaços da residência, presença de espaços a céu aberto ou externos coletivos ou individuais e localização geográfica).

O questionário temário formulado por questões abertas deteve-se a perscrutar sobre o convívio social em lares domésticos de famílias com crianças em idade escolar, em específico, as relações cotidianas com as crianças durante o período de isolamento social ou restrição social e de suspensão de atendimento presencial nas escolas. Para tanto, contou com 42 questões abertas e 33 fechadas, totalizando 75 questões.

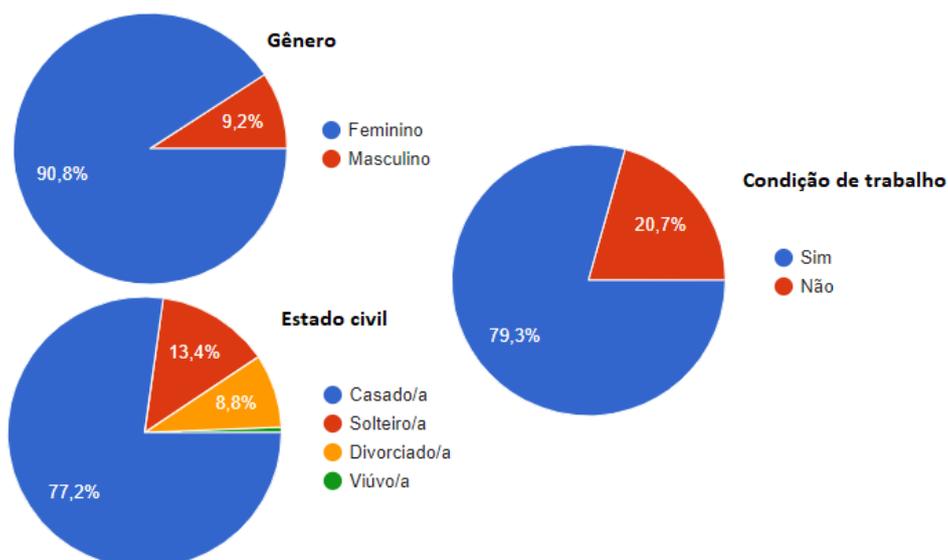
Participantes

Participaram da pesquisa 478 pessoas adultas de famílias brasileiras. Os participantes foram definidos por critério de interesse próprio e acessibilidade ao questionário *on-line*, constituindo um estudo não probabilístico. A partir da explanação descrita sobre a pesquisa, os participantes, que concordaram livremente em participar assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), anexo ao início do formulário.

No Brasil, o questionário foi endereçado às cinco regiões do país, além do Distrito Federal, obtendo participação ampla. Houve maior participação da região Sudeste, especialmente da macrorregião centro-leste do Estado de São Paulo, conhecida como uma das mais desenvolvidas do Estado. Desta forma, estes dados também auxiliam na identificação da localização geográfica das residências dos respectivos grupos de participantes.

Quanto à idade, 208 participantes tinham entre 39 a 30 anos (43,5%), 185 entre 49 a 40 anos (38,7%), 47 tinham entre 59 e 50 anos (9,8), 33 entre 20 e 29 anos (6,9%), enquanto que apenas 5 estavam com 60 anos ou mais (1,04%). A média de idade dos brasileiros foi de 39,24 anos havendo participantes de 20 a 64 anos. Dados da caracterização da amostra quanto ao sexo, estado civil e trabalho durante o período de coleta na pandemia estão apresentados na Figura 1.

Figura 1 – Gráficos das Relação de Participantes segundo Sexo, Estado civil e Condição de trabalho.



Fonte: a autoria.

Do total, 90,8% (434 participantes) indicaram ser do gênero feminino e 9,2% (44 participantes) do gênero masculino. A média de filhos em idade escolar indicada pelos respondentes brasileiros foi 2, sendo que 91,2% (435 participantes) alegaram não ter filhos com necessidades educativas especiais e 8,8% com alguma necessidade, dentre as quais destacam-se o TODA- transtorno de déficit de atenção, o autismo e as deficiências no âmbito motor, apresentando mobilidade reduzida.

A despeito das características físicas do ambiente doméstico, as residências possuíam média representativa de 6 a 7 cômodos. Quanto aos espaços a céu aberto, 66,1% (316 participantes) responderam ter quintal e 39,9%, (162 participantes) jardins. Além disso, 27% (129 participantes) indicaram possuir varanda privada e, apenas, 2,5% varanda compartilhada. Apenas 8,2% indicaram possuir nenhum dos espaços anteriormente mencionados sendo que menos de 1% dos participantes indicou possuir piscina e-ou *playground* e-ou outro espaço característicos de determinadas atividades de lazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresenta uma parte dos resultados brasileiros encontrados na ampla pesquisa internacional. Os dados quantitativos foram tabulados com a utilização da estatística descritiva – frequência (f) e percentual (%), com auxílio do programa *Microsoft Excel*. Os dados qualitativos coletados foram submetidos ao processo de análise de conteúdo (BARDIN, 2009), na forma de análise temática (MINAYO, 1992) sendo as duas categorias estruturadas *a posteriori*. A primeira, intitulada: “A estruturação familiar em contexto pandêmico”, apresenta e discute a estruturação do cotidiano familiar durante a pandemia, evidenciando mudanças estabelecidas no processo de viver a vida diante do novo contexto. A segunda: “As relações com crianças no cotidiano familiar em contexto pandêmico”, apresenta e discute as relações adultas no convívio com as crianças face à [nova] organização familiar, em que inclui-se a discussão da criação de condutas à educação das crianças. Ambas as categorias tomam o constructo do pensamento de Paulo Freire (FREIRE, 2014; FREIRE, 2017) e outros referenciais inseridos no campo teórico sócio-humanista, para análise e discussão.

Categoria 1: A estruturação familiar em contexto pandêmico

Em relação à configuração das famílias constata-se uma reduzida inserção de membros coparentais no núcleo familiar durante a pandemia. Apenas 6,1% (29 participantes) indicaram ter acolhido parentes neste período, representativo majoritariamente pela integração da mãe e/ou pai dos cônjuges (idosos e avós das crianças), seguido por seus respectivos irmãos (tios das crianças).

Mudanças também foram observadas em relação à situação no trabalho formal dos participantes e respectivos cônjuges. Do total, 79,3% (379 participantes) estavam empregados e 20,7% desempregados (99 participantes). Dos respondentes empregados (79,3%), 58,6% trabalhavam em domicílio (222 participantes); 22,2% sinalizaram que o trabalho estava temporariamente suspenso (84 participantes) e 10,7% indicaram trabalhar presencialmente no local habitual (10 participantes). Os índices restantes, representativos de 8,5% do total de empregados (32 participantes), indicaram estar em regime de escala de revezamento, licença- maternidade e/ou férias.

Relativo à condição de trabalho dos cônjuges dos respondentes que assinalaram relacionamento conjugal (77,2% - 369 participantes), 80,7% estavam empregados (297 participantes) sendo que apenas 16,3% (cerca de 1/4 - 60 cônjuge dos participantes) informaram estar desempregados, outros respondentes na condição de viúvos ou solteiros não informaram. Do quantitativo dos cônjuges empregados, 41,4%, *i.e.*, a maioria estava trabalhando em casa (123 participantes), 33,9% no local de trabalho habitual (100 participantes) e 11,6% indicaram estar com o trabalho temporariamente suspenso (34 participantes). Valores menores do que 1% neste quesito indicaram regime de escala de revezamento, licença-maternidade e/ou férias.

Os resultados demonstraram que as alterações provocadas no cotidiano familiar foram ocasionadas pela presença contínua dos membros familiares em casa, quer de adultos, crianças e agregados, ampliando o tempo de convivência entre eles. Desta condição emergiu a necessidade de adequação de hábitos e situações que, anteriormente a instalação da pandemia, não existiam ou não eram considerados problemáticas, portanto, não demandando novos realinhamentos, tais como distribuir, de modo equilibrado, as atividades de estudo/trabalho e de lazer, ser paciente com o tempo e rotina do outro, inserir regras como lavar constantemente as mãos e usar máscaras ao atender demandas externas da residência. Os dados demonstram:

“Não estamos tendo horário certo pra dormir e fazer as refeições como tínhamos antes?”. (P-108).

“Ficamos mais estressados por banalidades, no entanto, sinto que estamos bem apesar das circunstâncias”. (P-32).

“Porque convívio diário em isolamento a longo prazo gera estresse e ansiedade. Conciliar home office com carga horária estipulada e não poder pausar pra ficar com meu filho ou levá-lo passear, gera frustração”. (P-231).

Os respondentes revelaram a aprendizagem de um processo de socialização contínuo em que, entre outras facetas, aprenderam a assimilar rotinas e práticas, fruto do reconhecimento intensivo advindo do convívio parental. Estas aprendizagens parecem ir muito além do simples ato de estarem juntos por um período curto em casa, por exemplo, para as principais refeições ou conversas rápidas e descomprometidas, mas de um conjunto de habilidades e posturas necessárias recrutadas e lapidadas para realização das tarefas oriundas do próprio lar, da família, do trabalho (ou da suspensão ou perda dele) e da escola, buscando a harmonização familiar.

Destarte, reflete-se sobre a constituição de regras e valores que passaram a compor uma inaugural cultura doméstica, da cultura organizacional emergida do saber fazer para sobreviver a reconfiguração domiciliar, o que pode nomeamos de soluções praticáveis despercebidas. Tais soluções buscaram contornar os fatores de estresse oriundos das relações tensas e sobrecarregadas entre adultos e crianças em confinamento, somando-se à ausência de atendimento presencial da escola. Estes dados reforçam os achados na pesquisa “Primeiríssima Infância – Interações na Pandemia: Comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos em tempos de Covid-19”, publicado pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, que teve por objetivo investigar de que maneira o novo coronavírus afetou as dinâmicas familiares de cuidado e desenvolvimento da criança pequena (FMCSF, 2021).

Os resultados da presente pesquisa avançam e convergem a um certo tipo de saber fazer de sujeitos na experiência *cara a cara* (DUSSEL, 2000). Estes sujeitos apresentaram-se protagônicos, esperançosos, tolerantes e autônomos ao remodelar o cotidiano familiar em função da reconfiguração do cenário, o que inclui não somente a presença adulta em casa, mas também a presença das crises financeiras, do desemprego, dos casos de adoecimento próprio e/ou coparental pela COVID-19 e patologias, entre outras variantes do que Cardoso (2020) denomina de “corona-crisis”, marcadamente

pela desigualdade brasileira. Conforme expressam Silva et al. (2020) e Prime et al. (2020) há que se assumir que o período pandêmico trouxe desafios adicionais à parentalidade, visto que as figuras parentais precisam redefinir a rotina familiar implicando no estabelecimento de estratégias de divisão para as atividades de trabalho, estudo, cuidados e lazer próprios e das crianças, em caso de existência, fundida às demandas profissionais e as tarefas e gestão domésticas.

A criação de novas condutas se mostra em contínuo processo de organização pelos membros adultos. Pondera-se que mudanças verdadeiras expressas pelos seres humanos perpassam pela afetividade, pelo questionamento, pela mobilização, pela cooperação, pelo diálogo e pela conscientização (FREIRE, 1979, GADO'TTI, 1996, STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2017) oriundas de um processo comunitário, solidário e integrado de abordagem da realidade e do engajamento efetivo na mudança. Para compreensão da estruturação familiar, em tempos pandêmicos, é colaborativa a conceitualização da dialogia freireana.

Para Freire (1983a) o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico em relação à condição humana no mundo. Por meio e com ele os seres humanos podem dizer o mundo segundo o próprio modo de vê-lo e compreendê-lo possibilitando a abertura de novos caminhos para repensar a vida em sociedade. O diálogo verdadeiro implica escuta atenta e paciente a saberes diferentes que não podem ser impostos por alguém, mas emergem da comunicação crítica e esperançosa sobre as distintas condições mundanas, o que exige confiança no outro, disponibilidade, amor, respeito e humildade. Nesse sentido, observa-se uma conduta latente entre os membros adultos das famílias em incluir na pauta de diálogo com os filhos o que a Covid-19 tem provocado no Brasil e no mundo, acompanhado pelo levantamento das percepções e sensações das crianças frente ao vivido, sobretudo, pela mudança abrupta causada pela ausência da escola e as implicações de uma nova rotina em que se ausentam amigos e membros coparentais do dia a dia.

Ao explicarem a situação vivenciada, 76,5% do total dos respondentes (366 participantes) sinalizaram contar história às crianças sobre a existência de um bicho que vive do lado de fora da casa (da porta para fora) e não podem deixar que ele entre. Por isso, devem ficar dentro de casa. Ao pensar no diálogo com as crianças com mais de 10 anos, uma síntese é feita a partir da seguinte resposta:

“Tendo em conta a idade explico-lhe tal e qual nos é transmitido, reforçando a necessidade de cuidados que deve existir mesmo ela não saindo mas para desta forma estar conscientizada da situação em que nos encontramos. Saindo o pai para trabalhar tem consciência de todos os cuidados que devemos ter para que em casa continuamos bem”. (P-309).

“Explico que existe um vírus (ele já sabe o que é um vírus) que está circulando e que é muito fácil o contágio. Como não temos vagas suficientes nos hospitais para quem não fica bem ao pegar o vírus, precisamos ficar em casa para evitar o contágio. Não sabemos quantas pessoas não vão ficar bem em casa e vão precisar de vagas em hospitais quando forem contaminadas”. (P-14).

Em outras histórias ainda se observou a configuração das pessoas ocuparem o papel de “mocinhos” e, o vírus, de “vilão” a ser combatido pela união humana. O final se constitui feliz ao dizer às crianças que “vai passar”.

À luz do ideário freireano, a nova estruturação do ambiente íntimo familiar em contexto pandêmico fez com as famílias passassem a enfrentar o extraordinário, o ato-limite, com as utopias (futuro) em inéditos viáveis nutridos pela esperança/esperançar do atingimento de um sonho possível, sonho coletivo em nível mundial, cujo concretude ocorrerá via superação/fim da pandemia e volta aproximativa do cenário pré-pandêmico. Estes destaques inserem-se no ‘plano do agir’ face ao ato-limite, o qual inclui a intuição, a emoção, o prazer, a amorosidade e a alegria presente na relação entre crianças e adultos (FREIRE, 1983a).

Categoria 2: As relações com crianças no cotidiano familiar em contexto pandêmico

Essa categoria enfatiza os resultados referentes à rotina de vida de crianças em detrimento da ausência de atendimento e, assim, frequência presencial nas escolas e ampliação de tempo diário em contextos domésticos.

Ao lado das condições de estrutura familiar, os dados ora alocados permitem discutir aspectos das relações adultas com as crianças. Dos participantes trabalhando em domicílio, 61,9% (137 participantes) indicaram mudanças bruscas no relacionamento com os filhos. Na interpretação adulta, as mudanças ocorridas foram necessárias para melhoria do convívio entre pais e filhos, assim como para a ampliação positivada das relações harmônicas. Majoritariamente, as mudanças ocorreram pela ampliação do sentimento de proximidade e reconhecimento das crianças, assim, por poderem passar mais tempo juntos e em casa.

“Estamos muito mais próximos! Realizando atividades que com a correria do dia a dia não fazíamos”. (P-117).

“Estamos mais próximos. As crianças chamam a todo tempo. Estamos nos alimentando melhor. Também estamos mais cientes das dificuldades escolares?”. (P-06).

“Passei a realizar as orientações escolares e alfabetização da minha filha de 6 anos”. (P-453).

Também surgem como medidas para garantir a harmonia familiar e não oportunizar o declínio das relações em função da presença dos filhos e das dificuldades concomitante de manutenção do trabalho e sustento da família, congregando acentuados quadros de estresse domiciliar. Face a possibilidade de convívio diário e intensificado com as crianças em casa, 57,7% dos brasileiros (128 participantes) indicaram ter alterado as regras, enquanto que 42,3% responderam não alterar (93 participantes), embora este estudo não tenha se detido a investigar a necessidade/preensão de alterações pelos responsáveis, pois é possível que a necessidade exista, mas, por motivos desconhecidos, os não foram implementadas. A modificação das regras, majoritariamente, agiu em reforço à rotina de estudo em casa:

“Novos combinados sobre o tempo nos brinquedos eletrônicos, mais compromisso de todos com a casa, novos horários com diversificação de atividades com a permanência o dia todo em casa. Lembrar de tomar banho de sol no tempo que o sol entra pela janela do quarto...”. (P-408).

“Estabelecemos períodos para brincadeiras que não usem eletrônicos”. (P-108).

“Horas para banho, estudos, computador, video-game, alimentação. No começo parecia férias, sem cronograma definido, agora seguimos uma rotina”. (P-214).

As modificações neste âmbito ocorreram na alteração das condutas preexistentes, as quais estiveram, na maior para menor incidência, na criação de limites para redução do tempo de exposição das crianças frente às telas de *videogame*, televisão, aparelhos celulares e *tablets*; na flexibilização dos horários para dormir e acordar sendo postergados em comparação ao horário antes do pré-pandêmico e nos hábitos de higiene pessoal. Em menor aparição estiveram as alterações na elevação da qualidade da alimentação e a inclusão das crianças no auxílio dos afazeres domésticos.

Considerando os apontamentos registrados anteriormente, os dados indicam para a intensificação da participação dos pais na vida escolar das crianças, seguidamente pelas decisões sobre as atividades de lazer e de alimentação. Resultados das comparações entre os participantes trabalhando em domicílio e os trabalhando no local habitual permitem afirmar que houve diferença entre aqueles que permaneceram em casa e os que não permaneceram. Este cenário foi, ainda, acompanhado por queixas, tais como:

“Falta de entendimento do proposto, não tem a explicação adequada, a presença do professor é importantíssima, além da interação com os colegas da classe. Não consigo ajudá-, por exemplo, nos exercícios de matemática”. (P-218).

“Tanto mãe e pai somos professores, o que facilita em muito o acompanhamento dos estudos. Mas a dificuldade vem em realizar nosso trabalho remoto e acompanhar uma criança disléxica que demanda mais tempo para realizar as atividades. Então é necessário uma programação rígida”. (P-27).

O espaço doméstico compartilhado por membros de uma rede familiar, adultos e crianças, em tempos de COVID-19 pareceu concretizar-se em espaço de educação (não formal) pela relação na continuidade da educação da criança, na interação, no convívio, no diálogo com e entre o que é circunscrito e possível ao pequeno núcleo familiar e, dele, decorre o desvelamento da própria realidade, reforçando os achados no estudo de Linhares e Enumo (2020).

O momento histórico, crítico-caótico posto aos ambientes diversos da sociedade, em destaque o doméstico, pode ser interpretado pelo conceito freireano de Educação, a qual ocorre por meio de processos educativos dialógicos, solidários e transformadores, sendo diretamente associado ao conceito de ser humano e impregnado de esperança. Assim, atua no sentido de alimentar as raízes da humanização, posto que a esperança atua como força para que a luta seja enfrentada. Conforme afirma Freire (1983a), somente assim, o ser humano, inconcluso, assumirá a própria condição de ser inacabado e, consciente disso, aspira “Ser Mais”, por meio da educação ocorrida nas relações.

Em que pesem estas reflexões, cabem algumas provocações: será possível (e desejável) responsabilizar, unilateralmente, a família pela criação de horizontes face à uma educação humana e mais humanizada (BRANDÃO, 2002) na ausência do convívio e partilha ampla entre seres humanos de diferentes raízes, origens e culturas? Há e quais são as possibilidades de uma educação mais humanizadora em um contexto, circunscrito doméstico, assinalado por situações adversas, as quais, aparentemente, são contornadas com posturas inseguras/despreparadas dos adultos?

Uma porção significativa dos trabalhadores em domicílio, 78,9% (175 participantes), passou a desenvolver atividades específicas com as crianças, em destaque, ao acompanhamento das atividades escolares, seguido pela proposição de jogos e brincadeiras em família. Houve, ainda, incentivo à prática de atividade física, assim como para a execução de trabalhos manuais, de práticas de leitura e de estudos extra-escolares (demandas, não horários). Por fim, em menor incidência, o pedido dos adultos para ajuda nas tarefas domésticas e na elaboração de atividades culturais e artísticas, conforme relatam:

“Regras de estudo e mantemos as regras de cuidado com a casa”. (P-03).

“Cozinhar, organizar a casa, jogar Combate”. (P-401).

“Os filhos passaram a demandar mais ajuda e também, eu e esposa, exigindo do filho mais velho ajudar na limpeza e cozinha”. (P-377).

Neste conjunto de atividades ainda houve indício de recrutar auxílio das crianças mais velhas no cuidado das crianças com menor idade, bem como a responsabilização daquelas em demandas maiores do lar, tais como, limpeza e organização dos espaços. No entanto, com a alteração e intensificação do convívio, sob o ponto de vista da ampliação dos tempos e espaços compartilhados, para 43,6% (97 participantes) a presença prolongada das crianças em casa detidas às atividades escolares ou não-escolares passou a gerar sentimentos de impaciência, especialmente, quando sobrepostas às obrigações profissionais realizadas também em ambiente domiciliar, como se observa nos extratos seguintes:

“Ficamos mais próximos. Conversamos e brincamos mais. Às vezes discutimos mais também”. (P-116).

“Fica mais tenso, perdemos mais a paciência, tanto adultos quanto as crianças”. (P-77).

É notório nos escritos freireanos que o conceito de educação, como ato de “construir gente”, atua no processo de humanização dos humanos e na superação dos elementos desumanizadores (FREIRE, 1983a). Educar consiste em um ato de amor e de coragem que se fundamenta e se nutre em meios às relações dialógicas. Para Freire, educar é uma relação interativa entre pessoas, isto é, sujeito-sujeito na perspectiva de “ler” a realidade para transformá-la, constituindo-se, assim, a relação sujeito-mundo (FREIRE, 1983b, p. 104). A defesa das constituintes interativas entre seres humanos na ótica freireana é reafirmada por Arroyo (2001, p. 47):

Para Paulo Freire, educar sempre será uma relação de gente com gente, de adultos com crianças. [...] Para Paulo Freire, o caráter renovador da educação está no caráter intrinsecamente renovado de toda a relação humana, entre humanos. Formamo-nos no diálogo, na interação com outros humanos, não nos formamos na relação com o conhecimento. Este pode ser mediador dessa relação como pode também suplantar essa relação.

No que tange às condutas adultas no ato de recriar novas formas de educação dos filhos, 64,9% do total dos respondentes indicaram não adotar castigos nestes tempos, enquanto que 35,1% sinalizaram a prática como positiva à formação educacional dos filhos. Em destaque à população que faz uso dos reforços negativos em determinados comportamentos infantis, estão as práticas compensatórias e de restrição aos momentos mais desejados pelas crianças, conforme evidenciaram as seguintes respostas:

“Retirar acesso a telas, internet, videogame e outros eletrônicos”. (P-297).

“Em específico as atividades eleitas em frente às telas, está a preferência por jogos no celular e videogame, desenhos infantis, assistir youtubers, etc.”. (P-445).

Para além da restrição de aparelhos eletrônicos, os responsáveis indicaram fazer uso da repressão verbal acompanhadas de práticas como deixar a criança “pensando no cantinho”, ampliar as obrigações atreladas às atividades de estudo escolar, restringir a ingestão de algum alimento e-ou impossibilitar brincar com o irmão e com os brinquedos.

A disposição desse conjunto de resultados indicam que a aplicação de castigo ocorreu, notadamente, pelos atos de desobediência das crianças, exemplificados pela teimosia e birras em não cumprir as tarefas (escolares e domésticas) ou por passar muitas horas no *videogame* e celular (uso abusivo das telas), mesmo depois de terem firmados acordos de regras com os pais. Apareceu ainda, secundariamente, castigos seguidos por condutas de agressão para com o irmão e, em menor incidência, para que as crianças entendessem que não estavam de férias e que, portanto, deveriam continuar com as atividades e as regras estabelecidas para o cumprimento das responsabilidades e convívio respeitoso-harmônico.

CONCLUSÕES

Nesta investigação assumiu-se a atitude epistemológica freireana para discutir o convívio doméstico cotidiano familiar com crianças em idade escolar diante da pandemia do COVID-19 e problematizar possíveis mudanças na rotina de vida dessas crianças na ausência presencial nas escolas e ampliação de tempo em contextos domésticos. Assim, não houve a pretensão em dizer como deveria ser a reorganização familiar em período pandêmico, mas sim evidenciar o que tem acontecido no interior das famílias brasileiras, por meio da análise e compreensão das próprias ações e condutas desenvolvidas por elas.

O desdobramento desses dados relevam que os impactos do isolamento social nas relações e novas reestruturações sofridas pelas famílias não é igual para todas, posto que apenas uma parcela dos respondentes pôde cumprir as recomendações do isolamento social e, mesmo, compartilhar positivamente a presença dos filhos em casa. Os participantes na condição de empregados possuíam renda fixa para suprir as necessidades básicas, enquanto outros não expressaram tal condição. Apesar disso, algumas alterações na esfera domiciliar, sobremaneira das famílias em condição de trabalho remoto, perpassam a compreensão de novas configurações que estabeleçam relações educativo-dialógico-cooperativa entre os diferentes membros, crianças e adultos.

Constatou-se, ainda, questões referentes à rotina de vida das famílias com crianças em idade escolar, em detrimento da ampliação de tempo diário em contextos domésticos ocasionado pela ausência de frequência presencial nas escolas. Evidentemente, há inúmeros elementos que dão forma à estrutura familiar e impactam as relações com crianças no novo contexto provocado pela cotidianidade da pandemia. A inaugural configuração neste âmbito parece ser justificada pela presença dos membros

coparentais em casa, os quais compartilham o mesmo espaço, mas se dedicam às atividades diversas, por vezes, sobrecarregados, estando no cerne de boa parte dos desafios atuais. No entanto, há que se considerar a existência de outros elementos que compõem o rol de problematizações deste momento crítico-histórico, a exemplo fulcral, os reflexos advindos das inadequadas condutas políticas vigentes que atingem diretamente a possibilidade (ou não) de ficar em casa e proceder às regras de isolamento social, assim como, o acesso à condição financeira mínima e digna ao menos para a subsistência familiar.

O novo dinamismo com que as inter-relações familiares são desenvolvidas entre adultos e crianças é elemento chave para começar a pensar a transformação das configurações estabelecidas na vida das crianças em condições pandêmicas, sobretudo, no processo de desenvolvimento das mesmas, considerando a inserção de aparentes práticas educativas dialógicas e horizontais na formação dos filhos. A síntese deste entendimento desdobra da análise sócio-humanista e pode transmutar como proeminente contribuição em interface a ótica freireana, temário prescindível de exploração aprofundada tanto pelos segmentos do campo acadêmico e educativo-escolar, quanto político macroestrutural brasileiro.

À guisa da conclusão aponta-se para o encaminhamento de outras investigações que possam apresentar as percepções de familiares sobre as crianças no cenário da COVID-19 a partir da análise do manejo das relações com as infâncias e seus efeitos, discutindo as atividades de ensino no âmbito remoto e a vida doméstica e relacional no contexto de pandemia. Assim, reiteira-se à necessidade de deter-se à análise das estruturas dinâmicas e diversas que marcam o âmbito da vida íntima familiar frente as medidas de isolamento social e das multifacetadas assumidas diante de escolas fechadas para frequência presencial.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. In. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. *Caderno pedagógico 2: Semana Pedagógica Paulo Freire*. Porto Alegre: Corag, 2001, p. 42-54.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Rev. e atual. Lisboa: Edições, 70, 2009.

BORBA, Patrícia Leme de Oliveira et al. Desafios “práticos e reflexivos” para os cursos de graduação em terapia ocupacional em tempos de pandemia. *Cad. Bras. Ter. Ocup.* v. 28, n. 3, jun./set. 2020. Epub Oct 02, 2020. <<https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoen2110>>

BRASIL. *Lei nº 13.979 de 6 de fevereiro de 2020*. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Brasília, 2020a.

BRASIL. *Parecer CNE/CP n. 05/2020 de 28 de abril de 2020*. Dispõe da Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Brasília, 2020b.

Conselho Nacional de Educação aprovou no último dia 7 de julho o Parecer CNE/CP No: 11/2020, que traz orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia.

CARDOSO, José Álvaro de Lima. A crise que não se parece com nenhuma outra: reflexões sobre a “corona-crise”. *Rev. Katálysis*, v. 23, n. 3, Set./Dez., 2020. <<https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p615>>

De BONI, Raquel Brandini. Websurveys nos tempos de COVID-19. PERSPECTIVAS. *Cad. Saúde Pública*, v. 36, n. 7, 2020. <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00155820>>

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

FREIRE, Ana Maria. A Bibliografia de Paulo Freire. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 433-438.

FREIRE, Paulo. *Pedagoga do oprimido*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983b.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

Fundação Oswaldo Cruz. (FIOCRUZ). *ConVid pesquisa de comportamentos*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <<https://convid.fiocruz.br/index.php?pag=principal>>. Acesso em: 15/06/2021.

Fundação Oswaldo Cruz. (FIOCRUZ). *Crianças na pandemia COVID-19* (Cartilha da série Saúde Mental e Atenção Psicossocial na COVID-19). Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/crianc%cc%a7as_pandemia.pdf>. Acesso em: 26/04/2021.

GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 1996.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 6. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

HILL, Manuela Magalhães; HILL, Andrew. *Investigação por questionário*. 2. ed. Lisboa: Edições Sílabo, 2008.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação*, s./d. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 26/04/2021.

LINHARES, Maria Beatriz Martins; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Reflections based on Psychology about the effects of COVID-19 pandemic on child development. *Estud. psicol.*, v. 37, Campinas, 2020 Epub June 05, 2020. <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>>

HEILBORN, Maria Luiza A.; PEIXOTO, Clarice E.; BARROS, Myriam M. Lins de. Tensões familiares em tempos de pandemia e confinamento: cuidadoras familiares. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 30(2), e300206, 2020. <<https://doi.org/10.1590/s0103-73312020300206>>

IIVARI, Netta; SHARMA, Sumita; VENTÄ-OLKKONEN, Leena. Digital transformation of everyday life – How COVID-19 pandemic transformed the basic education of the young generation and why information management research should care? *International Journal of Information Management*. V. 55, December 2020, 102183. <<https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2020.102183>>

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP). *Censo Escolar 2020: Divulgação dos resultados – 2019*. Disponível em:

<https://download.inep.gov.br/censo_escolar/resultados/2020/apresentacao_coletiva.pdf>. Acesso em: 31/05/2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa Qualitativa em Saúde*. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, v. 40, p. 139-153, 2018. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>>. Acesso em: 21/07/2021.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Novel Coronavirus – China. Disease outbreak news: update [Internet]*. Geneva: WHO; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/csr/don/12-january-2020-novel-coronavirus-china/en/>. Acesso em: 05/03/2021.

PRIME, Heather; WADE, Mark.; BROWNE, Dillon T. Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic [Ahead of print]. *American Psychologist*, 2020. <<https://doi.org/10.1037/amp0000660>>.

PRIMEIRÍSSIMA INFÂNCIA - INTERAÇÕES NA PANDEMIA: COMPORTAMENTOS DE PAIS E CUIDADORES DE CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS EM TEMPOS DE COVID-19. *Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (FMCSV)*. São Paulo, p. 1-32, 2021. Disponível em: <<https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/primeirissima-infancia-interacoes-pandemia-comportamentos-cuidadores-criancas-0-3-anos-covid-19/>>. Acesso em: 20/06/2021.

SÃO PAULO. Governo do Estado de São Paulo. *Sistema de Monitoramento Inteligente do Governo de São Paulo atualiza diariamente índice de adesão ao isolamento social no Estado*. Disponível em: <<https://www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/isolamento>>. Acesso em: 26/04/2021.

SILVA, Isabela Machado da; SCHMIDT, Beatriz; LORDELLO, Silvia Renata; NOAL, Débora da Silva; CREPALDI, Maria Aparecida; WAGNER, Adriana. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando fam.* v. 24 n. 1, jan./jun. 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16/04/2021.

SINGLY, François de. *Sociologia da família contemporânea*. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. (Família, geração & cultura).

SPIEGEL, Paul B. Will this pandemic be the catalyst to finally reform humanitarian responses? *Nature Medicine*, v. 27, March, 2021. <<https://doi.org/10.1038/s41591-021-01249-1>>

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire* 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Consequências adversas do fechamento das escolas, 2020. Disponível em: <<https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/consequences>>. Acesso em: 14/05/2021.

CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

Autora 1 – Coordenadora da pesquisa no Brasil, revisão da introdução, elaboração da metodologia, revisão dos resultados e discussão e elaboração das conclusões do manuscrito.

Autor 2 – Elaboração da introdução, organização, apresentação dos dados e elaboração da discussão e conclusões do manuscrito.

Autor 3 – Coordenadora do projeto de pesquisa na Itália, elaboração dos resultados e discussão e revisão da totalidade do manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente estudo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores concordam que caso o manuscrito venha a ser aceito e postado no servidor SciELO Preprints, a retirada do mesmo se dará mediante retratação.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.